

## TEMPO E MEMÓRIA EM *O AMANUENSE BELMIRO*, DE CYRO DOS ANJOS

Osmar Pereira Oliva<sup>1</sup>

**RESUMO:** As narrativas criadas por Cyro dos Anjos caracterizam-se pela estrutura diarística ou pelos relatos de memórias, contendo reflexões sobre a passagem do tempo e sobre experiências de vida dos narradores. Em muitos aspectos, o espaço e os relatos descritos se aproximam da biografia desse autor. Este artigo discute o romance *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, a partir dos conceitos de tempo, memória, ritornelo e melancolia. Esses operadores conceituais nos servirão para refletir que, em sua narrativa memorialística, Belmiro Borba evoca geografias de sua terra natal e outras personagens melancólicas e memorialistas de sua eleição: Bentinho e Brás Cubas, criadas por Machado de Assis.

**PALAVRAS-CHAVE:** tempo, memória, ritornelo, melancolia.

**ABSTRACT:** The narratives created by Cyro dos Anjos are characterized by the diaristic structure or the reports of memories, containing reflections about the passage of time and about the life experiences of the narrators. In many respects, the space and stories described are close to the author's biography. This work discusses the novel *O amanuense Belmiro*, by Cyro dos Anjos, from the concepts of time, memory, ritornello and melancholy. These conceptual operators serve to reflect that, in his narrative memoirs, Belmiro Borba evokes geographies of their homeland and others melancholy characters of his election: Bentinho and Brás Cubas, by Machado de Assis.

**KEYWORDS:** time, memory, ritornello, melancholy.

### 1. O ritornello literário do amanuense Belmiro

Tenho sobre a mesa o alentado volume em que Trismegisto relata por miúdo os acontecimentos desenrolados nesse período que a minha memória tão dificilmente atinge, mas decidi não mais abri-lo. O culto da exatidão atrapalha-me. Afinal, o que importa é a cronologia do sentimento, e não a do calendário. Torno a contemplar dentro de mim o vasto mural, ou melhor, o grande políptico onde cada compartimento me apresenta uma cena. (ANJOS, 1994, p. 63)

Cyro Versiani dos Anjos nasceu em Montes Claros – MG, em 5 de outubro de 1906. Formando em humanidades e Direito, atuou como advogado e professor universitário. Em 1952, foi regente da cadeira de Estudos Brasileiros, na Universidade do México e, em 1954, desempenhou a mesma função na Universidade de Lisboa. No Brasil, atuou como professor nos cursos de Letras da Universidade de Brasília e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou *O amanuense Belmiro* (1937), *Abdias* (1945), *Criação literária* (1954), *Montanha* (1956), *Explorações no tempo* (1963), *Poemas coronários* (1964) e *A menina do sobrado* (1979). Esses livros, com exceção do ensaístico *A criação literária*, caracterizam-se pelo cunho diarístico ou pelos relatos de memórias, unidos pelas reflexões sobre a passagem do

---

<sup>1</sup> Doutor. Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. E-mail: osmar.oliva@unimontes.br

tempo e pelo que se pode guardar das experiências vividas. Em muitos aspectos, o espaço e os relatos descritos por Cyro dos Anjos podem ser aproximados de suas vivências pessoais. Muito de sua vida ele transferiu para os livros que escreveu, no sentido de que é possível discutir traços autobiográficos nessa produção literária. No entanto, não é intenção deste trabalho realizar essa discussão. Antes, pretendemos analisar as concepções de tempo e de melancolia e suas relações com o relato biográfico da personagem Belmiro.

A narrativa começa com uma reunião de amigos, no natal de 1934. Após o encontro, o narrador, Belmiro Borba, retorna para casa, onde vive com as duas irmãs, Francisquinha e Emília. No alpendre de sua casa, Belmiro olha os transeuntes e reflete:

A Rua Erê não é atrativa, neste particular, com sua reduzida fauna humana. Talvez seja isso o que sempre me leva a passar o pensamento por outras ruas e por outros tempos. Como o Natal me fez saudosista! Eu fechava os olhos, e a Ladeira da Conceição surgia, diante de mim, com a nitidez de um acontecimento matinal. Vila Caraíbas e seu cortejo de doces fantasmas. (ANJOS, 2001, p. 26)

O intimista narrador tudo observa e compara. Instalado no entre-lugar que não é presente nem é mais passado, Belmiro Borba declara-se solitário e inadaptado a esse mundo, razão que o faz mergulhar constantemente em suas lembranças de vida em Vila Caraíbas, no interior de Minas Gerais. É olhando a rua Erê e a fauna humana que a habita que esse narrador se volta para outras ruas e para outros tempos, e encontra uma satisfação ilusória no terreno das memórias.

Henri Bergson, em seu livro *Matéria e memória* – ensaio sobre a relação do corpo com o espírito, afirma que “a lembrança [...] representa precisamente o ponto de intersecção entre o espírito e a matéria” (BERGSON, 1990, p. 4). O passado é evocado, por meio de imagens, a partir de uma provocação externa (a rua Erê e seus transeuntes), mas o que chega até o memorialista Belmiro não são os objetos nem as coisas em si, posto que eles perderam a sua materialidade, e sim uma lembrança fragmentária e parcial, como afirma William James:

A verdade é que, na hipótese idealista, a lembrança só pode ser uma película destacada da representação primitiva ou, o que dá no mesmo, do objeto. Ele está sempre presente, mas a consciência dele desvia sua atenção enquanto não tem alguma razão para considerá-lo. (JAMES, 1989, p. 167)

James está refletindo, obviamente, sobre as críticas que Bergson (1990) realiza quanto à percepção da realidade a partir dos conceitos de realismo e de idealismo, tanto um quanto outro insuficientes para o advento da verdade, se tomados isoladamente. E é por isso que Bergson apresenta-nos a ideia de solidariedade entre o cérebro e o pensamento. O

primeiro, mais voltado para o objeto tal qual ele é, coisa, e o segundo, tomado enquanto representação do objeto.

Belmiro, como ele mesmo confessa, é um fruto chocho do ramo vigoroso dos Borbas, um descendente de ilustre família interiorana e rural, que abandona a fazenda, as lavouras e parte para a capital mineira em busca de outras realizações. Ali, torna-se um burocrata e envolve-se com literatos, na companhia dos amigos Silviano e Redelvim, para lamento de seus pais, que sonhavam para o filho a continuidade da tradição familiar de cuidar da terra, do gado e da agricultura. Belmiro é, pois, duplamente desagregado. Não segue a linha patriarcal do mineiro interiorano nem se adapta à realidade da capital. Segundo Antonio Candido, o drama do amanuense Belmiro

é que o presente se insinua no passado. Se fosse possível viver integralmente no mundo recriado pela memória, haveria a possibilidade de um *modus vivendi*, quase normal, a seu jeito, como o do narrador do *Temps perdu*. Acontece, porém, que a sensibilidade de Belmiro, jogando-o como uma bola entre o passado e o presente, perturbando este com os arquétipos daquele, desmanchando a pureza daquele com a intromissão das imagens deste, não lhe permite uma existência atual. (CANDIDO apud ANJOS, 2001, p. 15)

A desagregação de Belmiro tem uma causa primordial. Trata-se da forma como ele tenta lidar com o tempo, e é essa dificuldade que nos mobiliza a escrever este artigo. Como já o apontou Antonio Candido, o drama do Amanuense é a sua inadaptação ao tempo presente, de forma que, constantemente, ele se declara insatisfeito com o agora e procura, de alguma maneira, reviver o pequeno mundo caraibano do passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Para Belmiro, procurando esse tempo que já não é mais, ele procuraria a si próprio.

Mas, se o tempo passou, como reencontrá-lo, como a personagem pode reencontrar-se? A resposta pode ser dada se acompanharmos a reflexão que o funcionário público vai tecendo a respeito do que ele considera ser passado. Primeiro, esse memorialista nos declara que a Rua Erê não possui atrativo algum, e é essa constatação que o faz retornar à Vila Caraíbas. Nota-se, portanto, que a concepção de presente (Rua Erê) e de passado (vila Caraíbas) se elabora a partir da percepção física de espaço. Já aqui, podemos começar a estabelecer um ponto de contato com a concepção de tempo, segundo Henri Bergson (1990, p. 77), para o qual o tempo somente pode ser compreendido pela sua duração. Em vez de sucessões, simultaneidade; em vez de unidade, multiplicidades.

Para Bergson (1990), a realidade é mediada por imagens que se projetam entre o objeto e a sua representação, de forma que há sempre algo a mais nessa percepção, que torna o objeto impossível de ser representado em sua totalidade. O conceito de imagem muito bem se harmoniza com o estado de contemplação em que se encontra Belmiro na Rua Erê, de onde é projetado para outros tempos e outros espaços. E assim, de acordo com o filósofo, podemos refletir que o tempo não pode ser medido apenas sequencialmente, mas também fragmentado, em turbilhões simultâneos, já que o tempo se encontra no espaço. Um exemplo que podemos usar para ilustrar tal afirmação encontra-se no capítulo 10 de *O amanuense Belmiro*, intitulado “Uma casa, numa rua”. Nesse capítulo, o narrador assume uma pose de filósofo e considera que

Vivendo e observando as coisas, perceberemos que o fugidio vulto – mal entrevisto em um encontro que nos pareceu destituído de significação ou conseqüência – teve, mais tarde, um momento de maior ou menor influência em nossa vida. (ANJOS, 2001, p. 44).

A partir dessa afirmação, trazemos para a nossa discussão a noção de consciência, segundo Bergson (1990). Consciência, espírito, alma, lembrança ou memória, qual seja a palavra que a designe, essa ação é um fenômeno que desperta o sujeito para um encontro ou que o mobiliza em direção a algo – mas em tudo movimento, deslocamento. É importante ressaltar, no entanto, que a consciência parte de uma motivação exterior e, em diálogo de solidariedade com o interior, possibilita o “conhecer”. Queremos acrescentar ainda que somente conhecemos o que passou antes pela nossa experiência.

Retomando a discussão de que o tempo é duração e reside no espaço, vejamos como se desdobra a “postura filosófica” assumida pelo amanuense na passagem acima citada. Passando pela Rua Paraibana, à procura de um farmacêutico que viera da Vila Caraíbas, Belmiro confunde os endereços e depara-se com um espaço que lhe deixou duas impressões, uma de ordem auditiva e outra de ordem olfativa:

Havia, no jardim da casa, uma trepadeira a que, no sertão, chamamos dama-da-noite, por despontarem suas flores somente à noite e murcharem durante o dia. Ela desprende um aroma de alto poder evocativo. Será um pouco vivaz, mas nem por isso desagradável. E, dentro da casa, havia uma criatura que não vi, mas ouvi. Tinha uma voz celestial e cantarolava uma canção napolitana de que Camila também gostava: *Tuorna a Sorriento*. As duas imagens se consorciaram no meu espírito e ainda hoje nele permanecem, enriquecidas de outras que lhes ministrou este demônio fantasista que me habita. (ANJOS, 2001, p. 44)

O cheiro das flores e a música que o amanuense escuta projetam-no para um outro espaço e para um outro tempo, desencadeando a duração ou a simultaneidade, pois presente e passado, mais uma vez, se confundem, se interpenetram. As aproximações com a filosofia bergsoniana são evidentes. Vemos, nessa passagem, uma situação exterior provocando uma ação interior. A experiência sinestésica (cheiro, visão e audição) produz duas imagens que se consorciaram no espírito de Belmiro e, após dois anos, ficaram ainda impregnadas em sua memória. Aproveitamos a sugestão da música, presente nessa passagem, para trazermos para a nossa discussão o conceito de ritornelo.

Segundo Hênio Tavares, o ritornelo é uma das figuras de harmonia nas quais se sobressaem as combinações sônicas dos vocábulos. O ritornelo apresenta um paralelismo especial: “as repetições se fazem integralmente não só sob o aspecto ideativo, mas também no expressional ou vocabular” (TAVARES, 1989, p.220-222). O ritornelo pode se dar pela repetição de um verso no início das estrofes (antecanto), no final da estrofe (bordão) ou de um conjunto de versos repetidos em forma de estrofes ou integrando as estrofes de um poema (estribilho). Em todos os casos, portanto, trecho poético que retorna como repetição, sempre igual.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, no livro *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia* (2005) também se dedicaram a esse tema, no capítulo “Acerca do ritornelo”, no qual discutem que o ritornelo está diretamente relacionado à compreensão de espaço, de sua delimitação em frente a uma situação de caos, de desorganização. Sua função primordial é territorial, ainda que possa trazer outros agenciamentos, amorosos, profissionais, sociais, litúrgicas ou cósmicas. Para esses filósofos, em qualquer conotação, o ritornelo carrega sempre concomitante uma terra, mesmo que seja no sentido espiritual. Ele está em relação com um Natal, um Nativo, uma Morada. Daí sua relação com a música: é do caos que nascem os Meios e os Ritmos.<sup>2</sup>

Já na música clássica, o ritornelo refere-se aos instrumentos que retornam após a execução de um solo instrumental.

Em *O Amanuense Belmiro*, há uma referência à composição *Tuorna a Sorriento*, que tanto traduz o sentido de retorno quanto de multiplicidade e simultaneidade, já que a ação decorrente dessa experiência, como afirma o narrador, é resultado do olfato e da audição,

---

<sup>2</sup> Para Deleuze e Guattari (2005, p. 118-119), cada Meio é vibratório, um bloco de espaço-tempo, constituído pela repetição periódica do componente. O Ritmo é o entre-dois, o entre o Caos e o Meio, entre dois meios.

experiência exterior e interior que tanto evoca o passado de Vila Caraíbas (o amor da infância) quanto o presente em que o protagonista se encontra, relembando essas memórias.

Um quase quarentão (38 anos), Belmiro não vive o presente separadamente, pois que parte significativa da sua existência se encontra em outro tempo e outro lugar de que não quer se desprender. O que resta a esse inconformado narrador é transitar, como uma bola, entre esses lugares que se encontram na duração da sua consciência, consorciados, como ele mesmo nos afirma. Tal conflito pode ser percebido quando Glicério convida Belmiro para um baile na casa do Senador Furquim, a que o narrador intitula de “Um baile das moças em flor”. Lá, o amanuense constata que ele via as moças, mas elas não o viam, de forma que “A quem vai passando, o melhor é esconder-se nas cavernas do peito e nelas procurar o panorama do seu tempo”. (ANJOS, 2001, p.63)

Os tempos estão de fato consorciados: o presente evoca o passado e o passado retorna no presente. Eis como se constata o ritornelo literário do amanuense Belmiro. O próprio diário que ele escreve resulta dessa simultaneidade, como podemos comprovar no capítulo 32, intitulado “Os acontecimentos conduzem os homens”. Segundo o narrador, no primeiro desses capítulos, o plano inicial de sua obra era anotar em seu diário os apontamentos do passado, mediados pela lembrança, a fim de publicar, posteriormente, um livro de memórias. No entanto, o presente se impôs de tal forma que as imagens do passado foram sendo expelidas, aos poucos, como ele afirma:

Às vezes ainda me vem uma necessidade angustiosa de rever velhas paisagens, de evadir-me para **uma região que realmente já não se acha no espaço, e sim no tempo**. Mas, no comum dos dias, agora é o presente que me atrai. (ANJOS, 2001, p. 95, grifos nossos)

Vemos, nessa passagem, a conotação territorial de ritornelo, segundo Deleuze e Guattari, um anseio de rever uma geografia espiritualizada, já que a terra natal física, tal qual existiu para o memorialista, não existe mais, a não ser como memória, refletida no tempo. No capítulo 33, curiosamente intitulado “Ritornelo”, o narrador retoma a reflexão iniciada no final do capítulo 32 para afirmar ao seu leitor que as caras paisagens se acham no tempo, e não no espaço. Martirizado pela passagem do tempo, Belmiro tenta, em vão, recuperar o que passou como se pudesse reviver as suas experiências em Vila Caraíbas. No ano de 1924, diz-nos o narrador, ele chegou mesmo a ir visitar a Vila, pela última vez, na tentativa desse reencontro com o seu passado:

Inútil tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu e que, ai de nós, se nos tornou interdito, desde que deixou de existir, como presente, e se arremessou para trás. [...] Onde pretendi encontrar a alma das épocas idas, não encontrei senão pobres espectros. (ANJOS, 2001, p. 96-97)

O que Belmiro encontra em Caraíbas são fantasmas, já que, equivocadamente, procurava no espaço o tempo que estava em seu interior. Ele mesmo chega a essa conclusão, ao afirmar que os seus olhos apenas refletiam imagens, logo as devolvendo para o exterior, porque algo impedia uma comunicação entre o seu mundo de fora e o seu mundo de dentro.

Ainda de acordo com William James (1989, p. 167), a memória encontra-se ao lado da percepção. A rememoração de objetos, de pessoas, de atos e de sentimentos, uma vez percebidos, não pode mais se fazer presente porque o corpo permanece só. Explica-se essa solidão do corpo porque a relação com esses elementos referidos encontra-se distante temporal e fisicamente; o fio que os une é tênue e esgarçado, quase insustentável, mas é por esse *écran* que as imagens se tornam visíveis na forma de lembranças. É o corpo, e somente o corpo, ou parte dele, que evoca essas imagens. O campo de imagens é de cunho transcendental, como se vê, pois é uma idealização – já que não acontece empiricamente – mas são as imagens que nos permitem ver as coisas.

As coisas existem a partir do momento em que elas nos afetam, no campo das imagens; elas são pré-subjetivas e pré-objetivas. Assim, depois dessa constatação, podemos perceber que o mundo exterior somente existe em relação de solidariedade com o mundo interior; o amanuense pode então afirmar que o presente se impõe sobre o passado, sem perder essas articulações temporais que emergem de uma provocação externa, como o aroma de uma flor ou a escuta de uma música.

## **2. Melancolia e saudade**

A partir dos conceitos de melancolia desenvolvidos por Freud, J. Guinsburg, Walter Benjamin, Reinaldo Marques e Eduardo Lourenço, pretende-se discutir, nesta segunda seção, a presença do estilo machadiano na técnica de construção do romance *O Amanuense Belmiro*. Solitário, triste e saudoso, Belmiro, protagonista dessa narrativa, assume uma postura contemplativa e atávica, ruminando suas memórias e seu passado em Vila Caraíbas, incapaz de seguir em frente e de transformar sua inerte vida. Nesse estado "patológico", outras vozes emergem na sua narração, avultando o ensimesmamento de Bentinho ou a incredulidade e o pessimismo de Brás Cubas. Melancolia e saudade são, pois, elementos

fulcrais que sustentam o amanuense Belmiro, garantindo-lhe a matéria para o seu diário e o seu fôlego de vida, como esse narrador nos informa:

Percorrendo a Rua Matacavalos, pensei, com saudade, naqueles cavalheiros que andavam de táburi, jogavam voltarete e tinham, sobre o mundo, pensamentos sutis. Divisei, a um canto, o vulto amável de Sofia e tive dó do Rubião. A meus ouvidos, mana Rita fazia insinuações (Cale a boca, mana Rita...). Em certo bonde, que me pareceu puxado por burricos, tive a meu lado D. Casmurro, e lobriguei, numa travessa, dois vultos que deslizavam furtivos à luz escassa dos lampiões: Capitu e Escobar. (ANJOS, 2001, p. 200)

O homem é um ser constituído de memórias; enquanto vive, vai acumulando experiências, conquistas ou fracassos, alegrias ou decepções, lembranças, saudades, leituras. Considerando a certeza de que a morte é inevitável, estamos propensos à ansiedade por realizar nossos sonhos e projetos e, ao mesmo tempo, sentir saudade daquilo que já vivemos e das pessoas que amamos. Inexoravelmente, o tempo estabelece esse entre-lugar de conflito em que se instala o homem.

Como afirma Eduardo Lourenço, “A saudade, a nostalgia ou a melancolia são modalidades, modulações da nossa relação de seres de memória e sensibilidade com o Tempo” (LOURENÇO, 1999, p. 12). Tanto o passado quanto a memória relacionam-se à perda, a um lugar distante do sujeito, perdido nas dobras do tempo. Como uma das formas de reação à perda, Freud (1997, p. 165) discute os conceitos de luto e de melancolia. Enquanto no luto o sujeito tem consciência da perda e o seu ego torna-se livre e desinibido, na melancolia o sujeito volta-se para si mesmo, em um processo de diminuição da sua autoestima e de empobrecimento do seu ego.

É nessa perspectiva que podemos estabelecer uma aproximação da escrita, em *O Amanuense Belmiro*, e em *D. Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. De cunho memorialístico, as três obras propõem uma reconstrução do passado dos narradores-personagens. Já nas páginas iniciais de sua narrativa, Belmiro Borba afirma: “Onde estão em mim a força, o poder de expansão, a vitalidade, afinal, dos de minha raça? O velho Borba tinha razão, do ponto de vista histórico: como Borba, fali” (ANJOS, 2001, p. 27)

Cyro dos Anjos relata, nessa narrativa, a trajetória de uma família do interior de Minas Gerais, representante da oligarquia rural do início do século XX, já em decadência, mas que ainda alimentava sonhos de ver os filhos formados, em Belo Horizonte, e as filhas no colégio de freiras de Diamantina. O desmoronamento dessa elite fazendeira, iniciado por Machado de Assis em *D. Casmurro*, chega ao seu termo em *O Amanuense Belmiro*. Enquanto

Bentinho mal sabe montar a cavalo e lidar com a riqueza advinda da zona rural e da exploração de escravos e de casas de aluguel, herança deixada pelo seu pai, Belmiro Borba contraria a vontade paterna e dos seus avós, que desejavam fazer-lhe agrônomo ou agrimensor formado. Como confessa o narrador:

Sou um fruto chocho do ramo vigoroso dos Borba, que teve seu brilho rural. Em fase do código da família (cinco avós, pelo menos, estão-me dizendo – ilustres sombras!) foi um crime gastar as vitaminas do tronco em serenatas e pagodes. Lá estava a fazenda grande, poderosa como um estabelecimento público, com suas lavouras à espera de cuidado dos moços. Sinto muito avós. Eu não podia ouvir uma sanfona. (ANJOS, 2001, p.27)

O fracasso de Bento Santiago é semelhante ao fracasso de Belmiro – com essas duas personagens, completa-se o ciclo da decadência do patriarcado e da elite oligárquica brasileira, incapaz de lidar com uma nova ordem social, com a República e com os novos meios de produção industriais e capitalistas. Perdidos os referenciais paternos, a honra e a grandeza que sugeriam os sobrenomes de família, restam a Bentinho e a Belmiro escreverem – tentativa de viver, por meio da escrita – o que a realidade não lhes oferece. Sobre esse trânsito do século XIX para a modernidade, Minas Gerais oferece um excelente acervo literário ficcional, o de Autran Dourado, cuja obra problematiza, frequentemente, a decadência patriarcal e as dificuldades dos homens em lidar com essas transformações. Segundo Reinaldo Marques, no seu artigo “Minas melancólica: poesia, nação, modernidade”:

Essa atmosfera melancólica, marcada tanto por imagens da morte e de um passado em ruínas quanto por um vívido sentimento de tristeza, de ensimesmamento do eu, de angústia existencial frente ao fluir inexorável do tempo [...] contamina prosadores, romancistas e memorialistas mineiros [...] (MARQUES, 2002, p.14)

Essas reflexões levam o crítico a assinalar a existência de uma Minas melancólica “ruminando ensimesmada seu passado e interrogando seu futuro”. (MARQUES, 2002, p. 14) A escrita memorialística mineira poderia construir-se, pois, como uma forma de resistência, ou melhor, de sobrevivência desse galho enfraquecido de mineiros cujos troncos e árvores se sustentaram nas atividades rurais e nos valores falocêntricos patriarcais. Galho esse constituído de uma linhagem de escritores, muitos dos quais demonstram essa atitude melancólica, por não seguirem as profissões e as atividades comerciais dos seus pais e avós e, ao mesmo tempo, por se encontrarem em um espaço diferente de suas origens. Convém ressaltar, aqui, os conflitos encontrados em narrativas memorialísticas nas quais se problematizam as relações de personagens escritores com seus pais e suas experiências de

vida nas capitais, já que muitos deles tiveram que deixar suas cidades interioranas para buscar realização pessoal e profissional nas grandes cidades (Belo Horizonte ou Rio de Janeiro, por exemplo).

No Brasil oitocentista, a base econômica encontrava-se nas fazendas de produção de café, no caso do Rio de Janeiro, São Paulo e sul de Minas Gerais, e, em outras regiões, como o norte de Minas Gerais, de onde fala Cyro dos Anjos, na agricultura e na pecuária leiteira, atividades que se prolongaram até meados do século XX, quando a indústria chega ao interior do país e se solidifica. A elite rural, enfraquecida, encontra novo meio de apresentação: intelectuais escritores, cuja realização é vista com receio e preconceito pelos remanescentes patriarcais, segundo os quais o homem deveria dedicar-se ao cultivo da terra, e não, à escrita de romances.

Quando se dão conta da incompatibilidade do sistema patriarcal e rural com os projetos da modernidade, os sujeitos que vivem essa tensão imergem na melancolia, ou seja, entram na aguda crise gerada pela perda. Reinaldo Marques (2002, p. 18-20) discute que essa perda se associa à força da ruptura com o passado e com a tradição proposta pela modernidade, seguindo as reflexões de Walter Benjamin, segundo o qual é preciso que se tenha uma constituição heroica para se viver na modernidade, que oferece resistências tantas e enormes ao impulso produtivo do homem, e ainda refuta a permanência da tradição, por meio dos seus gestos de negação e de ruptura. As técnicas de reprodução da obra de arte, na concepção benjaminiana, desalojariam o objeto artístico do seu lugar aurático de “culto” e o aproximariam das massas urbanas, possibilitando a sua politização: “No entanto, ao negar o diálogo com a tradição, o artista e, em particular, o poeta se veem destituídos de uma parte de si, que permitiria a compreensão do seu que-fazer artístico” (MARQUES, 2002, p.19).

Vejamos como essas questões se acham em *O amanuense Belmiro*. No capítulo intitulado “O Borba errado”, Belmiro rememora as discussões com o seu pai, o qual esperava que o filho concluísse curso superior na capital e retornasse agrônomo ou agrimensor, para cuidar das terras da família. O velho Borba era contra qualquer ramo de ciências ou letras. Opinião que encontrava ressonâncias em muitas famílias oligárquicas; daí que tornar-se um escritor configuraria um “enfraquecimento”, uma inutilidade para a vida prática. Belmiro, no entanto, abandonou as letras agrícolas e passou a dedicar-se às outras letras, nada rendosas, e, mais tarde, funcionário público, para desencanto do pai: “um burocrata, um burocrata!” (ANJOS, 2001, p.28).

Mas o serviço público foi o meio que encontrou Carlos Drummond de Andrade, Autran Dourado, Cyro dos Anjos, Darcy Ribeiro e tantos outros mineiros que saíram do interior para Belo Horizonte, em busca da realização dos seus sonhos. Por um lado, os baixos salários; por outro, a possibilidade de trabalhar e ter o tempo necessário para dedicarem-se à produção literária, o que não deixava de gerar angústia e insatisfação, como afirma o narrador: “Mas, na generalidade dos casos, meus amigos da Seção exercem com desencanto suas funções; não nasceram para esta vida” (ANJOS, 2001, p. 48).

Também Belmiro vai se revelando, em toda a narrativa, como um sujeito pessimista e fracassado, e essa consciência da perda, por meio da melancolia, vem expressamente clara no capítulo intitulado “Ritornelo”, já discutido anteriormente, com o qual podemos estabelecer interessantes comparações quanto ao conceito de tempo, memória e espaço. Na década de 1920, tempo da narrativa, Belo Horizonte se encontrava em avançadas reformas de infraestrutura urbana, com abertura e pavimentação de ruas e avenidas na região central, além de tantos outros investimentos, como a construção de prédios mais modernos e a restauração de edifícios mais antigos. O pós-guerra político, nessa capital, preparava a cidade mineira para a modernidade. Em contraponto, os aspirantes a escritores e intelectuais que ali se encontravam registram, em seus livros memorialísticos, a perda da tradição e dos espaços de origem, como vemos nesse capítulo de *O amanuense*:

Lembra-me quão penoso foi o encontro com o passado. Lembra-me o dia em que só, na varanda da velha fazenda, **numa hora por si mesma de intensa melancolia** – a hora rural do pôr-do-sol – fiquei a percorrer, com um vago olhar, as colinas e os vales que se desdobravam até ao azul longínquo da serra, limite do meu mundo antigo (ANJOS, 2001, p. 96 – grifos nossos)

Depois de uma interessante reflexão sobre o tempo e sobre o espaço, o narrador Belmiro decide que não voltará mais a Vila Caraíbas (seu lugar de origem), pois constatou que as coisas não estavam no espaço, as coisas estavam era no tempo. Patologia seria, segundo o narrador, deixar-se apossar pelo delírio, onda de saudade e de morte, e procurar sombras de um mundo que se perdeu na noite do tempo. O que fazer com essa onda melancólica? O próprio Belmiro responde: transformá-la em literatura, uma espécie de teatro interior: “Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico” (ANJOS, 2001, p.198). Em outra passagem, ele afirma que a literatura lhe salvou.

Jaime Ginzburg, no seu artigo “Conceito de melancolia” (2001) informa-nos que o conceito teria se originado de Hipócrates, que a definiu como um estado de tristeza e medo de

longa duração. O melancólico convive com uma dupla perturbação mental, pois lida com o sofrimento da perda do passado e, ao mesmo tempo, tem medo de um dano futuro. Diante desse impasse e tensão, o sujeito melancólico se propõe à autodestruição, deseja de deixar de existir. A bile negra, substância considerada responsável por causar a melancolia, emite vapores que causam o delírio. Na obra *O amanuense Belmiro*, a personagem narrador se declara um sujeito insignificante, chocho, decrépito e desencantado. Seu estado de solidão e tristeza se agudiza a ponto de ele mesmo confessar sua angústia existencial e, para compensá-la, criar o mito da donzela Arabela – processo infantil, pura imaginação. A donzela não existe além da sua fantasia, quando, na sua realidade, havia a moça Jandira, com quem poderia namorar, casar-se e constituir família. Como lhe diz o delegado de polícia, na ocasião em que Belmiro e seus amigos Silviano e Redelvim foram retidos por suspeita de revolucionários. Os cadernos de memórias de Belmiro foram apreendidos e lidos pelo delegado: “Mas um conselho, se me permite... seu Diário me interessou. Noto, porém, que o senhor é platônico em demasia. Ou, quem sabe, tímido...” (ANJOS, 2001, p. 152).

A literatura resultaria de uma condição melancólica, a partir da associação entre melancolia, contemplação e capacidade reflexiva. Com base em outros autores, como Peter Gay e Paul Bourget,<sup>3</sup> Ginzburg aponta que a melancolia é considerada a menos masculina das doenças, principalmente se a associarmos ao século XIX, quando o ódio e os impulsos agressivos eram tidos como sinais de masculinidade.

O melancólico, na condição de um sujeito inibido, introvertido, solitário e contido, encarna, pois, o paradigma do declínio da masculinidade. Por outro lado, é esse sujeito quem está mais propenso à criação literária. De acordo com Belmiro Borba, personagem de Cyro dos Anjos, “Eis que o amanuense é um esteta: ao passo que há nele um indivíduo sofrendo, um outro há que analisa e estiliza o sofrimento.” (ANJOS, 2001, p. 36).

O conceito de melancolia, segundo Walter Benjamin (1984, p. 170), supõe um vínculo entre a genialidade e a loucura. O melancólico estaria fora de si, à procura de um caminho mais que terrestre. Nesse sentido, influenciado pela bile negra, substância considerada responsável pela melancolia, o sujeito entraria em um estado de delírio, de alucinação.

---

<sup>3</sup> GAY, Peter. *A experiência da rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio*. São Paulo Ática, 1995. BOURGET, Paul. *Essais de psychologie contemporaine*. Paris: Ed. Plon Nourrit, 1920.

Assim, podemos confirmar, primeiro em *D. Casmurro*, como essa teoria se processa. Solitário e introvertido, desiludido com a sua vida, após perder o amigo de sua alma e a mulher que diz ter amado, Bentinho escreve um romance, tentando reconstituir o que se passou com ele para compreender-se no presente. No entanto, essa reconstituição, realizada décadas depois das experiências afetivas que relata, é maculada pelo ciúme e pela suspeita de traição de Capitu. Nesse sentido, Bentinho cria situações que incriminem sua esposa e Escobar, ainda que ele mesmo hesite nessas suposições, o que configura bem o delírio desse sujeito melancólico.

Segundo, numa perspectiva auto-destrutiva, niilista, Brás Cubas também sofre o efeito da bile negra. Inconformado, sem esposa e filhos, sem amigos, a personagem decreta: “Não tive filhos, não transmito a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.” (ASSIS, 1991, p.144). Brás Cubas é um vencido da vida, não luta pelos seus ideais e entrega-se à monotonia, até que a morte chegue. Fato inaugural para esse romance machadiano. Por isso, é importante ressaltar que um dos primeiros capítulos dessa narrativa se intitula “O Delírio”. Momento de passagem, quando Brás Cubas encontra-se enfermo, ele viaja no dorso de um hipopótamo até a origem da vida, e depara-se com Pandora. Nesse capítulo, o narrador machadiano tece filosóficas reflexões sobre a vida e a morte como estágios complementares da existência e, não, antitéticos, como interpretam alguns de nós.

Por último, em *O Amanuense Belmiro*, acompanhamos a trajetória de um homem que se declara estático, voltado para o passado, “perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o, procurarei a mim próprio” (ANJOS, 2001, p.32). Em busca desse tempo perdido, incapaz de vislumbrar o futuro ou de compreender o presente, Belmiro constrói o mito de Arabela, uma donzela da Vila Caraíba, lugar imaginário, também mítico, onde a personagem deseja reencontrar-se e ser feliz. Utopia, como se vê – o passado não pode ser recuperado se não feito de palavras, descontínuo e incompleto. No processo de delírio ou de mitificação, conta Belmiro:

Nas noites longas da fazenda, contava-se a história da casta Arabela, que morreu de amor e que na torre do castelo entoava tristes melodias. Efeito da excitação de espírito em que me achava, ou de qualquer outra perturbação, senti-me fora do tempo e do espaço, e meus olhos só percebiam a doce visão. Era ela, Arabela. (ANJOS, 2001, p. 38)

Belmiro, na sua incapacidade de enxergar o presente – nota-se que Jandira poderia ser a sua mulher de Belmiro, visto que ambos se admiram e se sentem atraídos um pelo outro

– prefere encarnar o mito de Arabela em Carmélia, uma outra mulher feita de sombras e de seus delírios:

A solidão fez com que eu revivesse um processo infantil e o velho mito de Arabela perseguia-me sempre. Uma noite de carnaval, cheia de sortilégios fez-me encarná-lo nessa donzela Carmélia, que não tem culpa de coisa alguma. E criei um ser fantástico, onde só entram tênues traços da moça; o mais, já se sabe, é contribuição do luar caraibano, das noites ermas, de todo o monstruoso romantismo, secreção mórbida da fazenda e da Vila. (ANJOS, 2001, p. 78)

Ainda que os delírios ou mitos decorrentes do processo melancólico aproximem a escrita de Cyro dos Anjos da escrita de Machado de Assis, cabe uma ressalva; enquanto a melancolia, nas narrativas machadianas, vem acompanhada de um niilismo, de um sentimento extremamente pessimista, manifesto, sobretudo, nas recorrentes e demolidoras ironias, em *O Amanuense Belmiro* ela vem filtrada por um lirismo incontido, como já o acentuou Antonio Candido (2001, p.16). E é nesse aspecto que retomo o conceito de saudade, seguindo os apontamentos de Eduardo Lourenço (1999, p.13), para o qual a saudade é filha e prisioneira do lirismo primeiro que lhe deu voz – expressão do excesso de amor em relação a tudo o que merece ser amado: para Belmiro, Caraíbas, sua terra natal; os amigos Silviano, Redelvim, Glicério e Jandira; as duas irmãs Francisquinha e Emília e, particularmente, uma saudade que inscreve Machado de Assis, uma amada e cantada presença em sua biblioteca.

Por outro lado, essa geografia afetiva de Belmiro, sua cidade natal e sua gente querida constituem o que Deleuze e Guattari chamaram de ritornelo, associado à concepção de territorialização, por meio de uma “canção” que organiza o caos, impõe-lhe um Meio e um Ritmo. As referências a *D. Casmurro* e a *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por sua vez, explícitas, ou implicitamente, exemplificam o que Hênio Tavares chamou de repetição expressional ou ideativa. De uma forma ou de outra, Cyro dos Anjos compôs um romance memorialista, no qual a personagem Belmiro procura enunciar um canto que lhe ponha em um centro no caos no qual se encontra. Canto que faz retornar as paisagens de sua terra natal e as vozes de outros romances de sua eleição, como as narrativas machadianas anteriormente mencionadas.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Cyro. *O Amanuense Belmiro*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Garnier, 2001.  
ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1994.

- ASSIS, Machado de. *D. Casmurro*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1991.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória* – ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CANDIDO, Antonio. “Estratégia”. In ANJOS, Cyro. *O Amanuense Belmiro*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Garnier, 2001. Prefácio, p. 13-18.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “Acerca do ritornelo”. In: *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*. V. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005. pp. 115-170.
- FREUD, Sigmund. “Luto e Melancolia”. In *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 18.
- GINZBURG, Jaime. “Conceito de Melancolia”. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre: APPOA, 1995. n.20, junho de 2001.
- JAMES, William. “Cérebro e pensamento”. In: *Bergson* – coleção “Os pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MARQUES, Reinaldo. “Minas Melancólica: poesia, nação, modernidade”. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Revista do CESP, v. 22, n.31 – julho-dezembro de 2002.
- TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

**Artigo recebido em agosto de 2017.**

**Artigo aceito em outubro de 2017.**